"CUIDADO AO ACESSAR. IMAGENS FORTES": A CIRCULAÇÃO DO DISCURSO SOBRE VIOLÊNCIA URBANA A PARTIR DE LÓGICAS JORNALÍSTICAS E POLICIAIS

"BEWARE! STRONG IMAGES": THE CIRCULATION OF DISCOURSE ABOUT URBAN VIOLENCE FROM JOURNALISTIC AND POLICE LOGICS

Igor Fernando Mallmann[1]
Aline Santos[2]
Ana Paula da Rosa[3]

1. Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Iniciação Científica UNIBIC sob a orientação da prof. Dra. Ana Paula da Rosa. Integra o Grupo de pesquisa Epistecom e investiga temas referentes à midiatização, imagem e jornalismo. E-mail: igor.mallmann96@gmail.com.
2. Estudante de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS sob a orientação da prof. Dra. Ana Paula da Rosa. Integra o Grupo de pesquisa Epistecom e investiga temas referentes à midiatização, imagem, circulação e jornalismo. E-mail: aline.s.santos82@gmail.com.
3. Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS), Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP). Atualmente é professora nos cursos de Comunicação e no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais. Orientadora deste trabalho de IC. E-mail: anaros@unisinos.br

Resumo: Sob a perspectiva da midiatização e do aumento da produção e circulação de imagens com os novos dispositivos, este trabalho trata da página do Facebook "Boletim Geral", que veicula imagens chocantes de violência e morte explicitas. Por meio da análise das fotografias, texto e interações com o público do perfil, procura-se compreender qual construção simbólica sobre segurança pública estas imagens produzem, tendo em conta o discurso policial muito presente e a tensão provocada em relação ao jornalismo tradicional. O alicerce teórico vem de autores como Fausto Neto (2007, 2010) e Ana Paula da Rosa (2014, 2016) sobre midiatização, circulação e imagem; Flusser (2002) sobre imagens e imaginários.

Palavras-chave: Midiatização. Imagem. Jornalismo.

Abstract: From the perspective of mediatization and the increase of the production and circulation of images with new devices, this work deals with the Facebook page "General Bulletin", which displays shocking images of explicit violence and death. Through the analysis of photographs, text and interactions with the public of the profile, we try to understand which symbolic construction on public security these images produce, taking into account the very present police discourse and the tension provoked in relation to traditional journalism. The theoretical foundation comes from authors such as Fausto Neto (2007, 2010) and Ana Paula da Rosa (2014, 2016) on mediatization, circulation and image; Flusser (2002) on imagery and imagery.

Keywords: Mediatization. Image. Journalism.

1 Introdução

As imagens participam da construção do imaginário humano desde a pré-história, com as pinturas rupestres, por exemplo. Porém, as possibilidades tecnológicas alcançadas pela sociedade provocaram uma explosão na profusão de imagens. Agora são produzidas e divulgadas por bilhões de

pessoas, na forma de fotos e vídeos, por meio de dispositivos (físicos e virtuais) sempre à mão.

Aqui analisamos a página do Facebook intitulada "Boletim Geral", a qual divulga acontecimentos do âmbito policial na mídia social através de imagens cruas e impactantes. Na página, as informações são apresentadas em texto de maneira sucinta, enfatizando primordialmente a imagem como gatilho principal do conteúdo apresentado.

O perfil oferece a seu público o que os meios de comunicação tradicionais comumente não publicam. Imagens que chocam, que retratam a violência, a morte explícita. A descrição da página anuncia: "Cuidado ao acessar. Imagens fortes. A realidade nua e crua dos fatos." Este anúncio já deixa claro o papel central das imagens no conteúdo postado. A imagem é entendida como "a realidade nua e crua".

Para compreender esse quadro de aumento vertiginoso da circulação das imagens e da emergência de veículos como o Boletim Geral, situamos a página no cenário da midiatização, na qual se mobilizam processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos, sendo que

> Há uma nova modalidade de interação entre os campos sociais, particularmente, caracterizada pela tomada como por empréstimo, por parte de outros campos, de regras do trabalho jornalístico, e que são apropriadas, como condições de produção, para a geração dos novos processos de noticiabilidade. (Fausto Neto, 2007, p. 119-120).

O jornalismo passa a ser tencionado justamente por ser retirado do posto de único produtor ou legitimador de sentidos nos fatos midiatizados. Aí surgem diversos espaços para que atores sociais que não tenham a função midiática como ofício manifestem seus sentidos e discursos.

Um dos atores, de papel central para o caso aqui analisado, a página Boletim Geral, é a polícia, que é onipresente nas postagens. Este e outros personagens adquirem a potencialidade de se comunicar com o público sem depender dos meios tradicionais, seus critérios e interesses.

Se a emergência de um veículo como o perfil Boletim Geral, no Facebook, torna-se possível em função das lógicas e dispositivos próprios da midiatização, quais interesses, imaginários e atores sociais o colocam em movimento? Que tipo de atração estas imagens violentas geram e quais construções simbólicas sua circulação concretiza ou fortalece?

Pretende-se analisar, do ponto de vista das imagens, dos textos escritos e das interações nos comentários das postagens quais são as impressões geradas pelas fotografias, compreender como o público da página se relaciona com elas e como se dão as interações ente os consumidores das fotos. Antes, porém, procederemos com a exposição de um alicerce teórico no qual embasamos nossa análise.

2 Midiatização e construção de sentido a partir das imagens

A comunicação social já há algum tempo não pode mais ser compreendida em uma relação unilateral de produção de conteúdo entre emissor e receptor. Por meio da evolução e multiplicação de dispositivos acessíveis ao grande público chegamos a uma recepção que também produz. Por isso, falamos em uma sociedade midiatizada ou em vias de midiatização, que sucede a sociedade dos meios. Isso não quer dizer que as lógicas dos veículos tradicionais tenham sido suplantadas, que as grandes corporações midiáticas não sejam mais hegemônicas. Na verdade, às vezes o poder de atribuição de sentido e valor dessas instituições tradicionais é mesmo reforçado nos processos de midiatização. O que ocorre é que entram em jogo novos atores, novas configurações nas correlações de forças, novas possibilidades de comunicação tanto para instituições midiáticas como para as não midiáticas. Como explica Fausto Neto:

> Os acontecimentos são tessituras complexas, e na sociedade marcada por elevados processos de midiatização, se engendram muito além das próprias fronteiras do jornalismo. Seus fluxos de

> produção, circulação e de recepção estão subordinados e dispostos à uma complexa rede de dispositivos e uma teia de relações entre campos, afetados por lógicas, regras e operações do próprio trabalho da midiatização. (Fausto Neto, 2007, p. 119)

As condições técnicas geradas pela disseminação do uso dos dispositivos midiáticos conferiram mais autonomia às instituições não midiáticas em relação ao campo jornalístico nos processos de comunicação com o público. Se na sociedade dos meios, os diferentes campos, como político, acadêmico etc., precisavam quase que obrigatoriamente, ainda que com desconfiança, recorrer à mediação jornalística para sua divulgação, hoje esses atores podem utilizar as redes sociais, sites, vlogs, entre outros, com uma eficácia bastante satisfatória.

Conforme Adriano Duarte Rodrigues (1999), o campo dos media, como o denomina, teve sua emergência consumada em meados da década de 80. Para o autor, os dispositivos midiáticos são complementos de nossos órgãos sensoriais e reconstroem o sentido da experiência do mundo. A principal função do campo dos media é a discursiva, sendo que este campo se consolida como porta-voz e legitimador das funções específicas dos demais campos e é legitimado por estes, já que lhes é imprescindível.

> É por isso que, à medida que o campo dos media se autonomiza, cada um dos outros campos tende a profissionalizar um corpo próprio encarregado de assegurar esta função de mediação, encarregado sobretudo de redigir *releases* ou comunicados destinados ao público. (Rodrigues, 1999, p. 27).

No caso do Boletim Geral, temos o papel central desempenhado por uma instituição não midiática, que é a polícia, a qual envia as imagens para o administrador da página. Não é de surpreender, portanto, a linguagem visual e textual muito próxima do campo policial nas postagens. Essas são

questões que tencionam o conceito tradicional de jornalismo. Agora não temos mais apenas algumas instituições que fornecem notícias. Qualquer um pode fazê-lo. Torna-se difícil classificar as informações e cabe se questionar, por exemplo, se as imagens postadas pelo Boletim Geral atendem à finalidade de proporcionar compreensão sobre os fatos. Sobre a atuação dos campos sociais em sua promoção, Ana Rosa comenta que:

> Ao tomar como ponto inicial das operações midiáticas o fato de que as instituições não-midiáticas, ou aquelas que não possuem fins jornalísticos, se valem de estratégias também midiáticas para alcançar o campo das mídias, percebe-se que, cada vez mais, os fatos vêm sendo colocados em uma situação de secundários em relação aos sentidos gerados pelas coberturas jornalísticas. (Rosa, 2014, p. 2)

Se aqui tratamos dessa tensão entre campos provocada pela midiatização de imagens, partimos da ideia de que as imagens técnicas são construções sociais, e não janelas para a realidade. Como alerta Vilém Flusser:

> A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado. Com efeito, são elas símbolos extremamente abstratos: codificam textos em imagens, são metacódigos de textos. A imaginação, à qual devem sua origem, é capacidade de codificar textos em imagens. (Flusser, 2002, p. 14)

Se as imagens são, nesse sentido, metacódigos de textos, contribuem decisivamente na estruturação de imaginários individuais e coletivos. Não retratam uma cena isolada apenas, mas um quadro de crenças. Por um lado, uma imagem pode redundar em diversos significados, em função de diferentes indivíduos que a interpretam, já que “a imagem

revela mais de quem a contempla do que de quem a produziu" (Rosa, 2016, p.79). Por outro, várias imagens diferentes podem reforçar uma única imagem no sentido simbólico, uma construção do imaginário.

No caso do Boletim Geral, como veremos na análise do empírico, temos diversas imagens e textos verbais que seguem determinadas lógicas parecidas, como assaltos frustrados pela polícia, morte de criminosos em confronto, homicídios em geral etc. As postagens provocam interesse e são consumidas de forma constante, gerando sempre comentários semelhantes aos posts anteriores. Quer dizer, cada nova imagem vai corroborando um determinado quadro sobre as questões de violência e insegurança. Poder-se-ia fazer uma aproximação com o conceito de fagia social, um dos cinco níveis de circulação e apropriação de imagens propostos por Ana Rosa (2016). A fagia social é o processo em que atores sociais "devoram" imagens inscritas na circulação por instituições jornalísticas e as acrescem de discursos e sentidos diferentes, mas preservando a imagem em si. Aqui teríamos o público da página inserindo discursos verbais às imagens por meio dos comentários e compartilhamentos, como quando alguém diz "bandido bom é bandido morto", por exemplo. Diferenciando que, neste caso, temos uma página de Facebook inscrevendo as imagens e não uma mídia tradicional. Ou seja, diferentemente do abordado por Rosa (2016), as imagens aqui não são produzidas por instituições jornalísticas que migram para espaços de atores sociais, elas já nascem nesse espaço, fruto de construções imagéticas que não entrariam na pauta de instituições tradicionais. Ao mesmo tempo, o conceito de fagia se evidencia pela lógica da replicação instaurada, assim como pela manutenção em circulação de uma imagem consolidada sobre o crime, mesmo que formada por muitas fotografias e vídeos.

Sendo assim, as pessoas se apropriam do conteúdo, replicando informações variadas em frente a um processo cuja origem desencadeia diferentes nuances de compartilhamento. Nesta dinâmica de sujeitos em atuação coletiva, Fausto Neto diz:

> São modelos equidistantes à teoria da ação que vão situar a problemática da recepção em outro patamar. São, justamente, os limites pouco revelados nestas fronteiras que causam a ampliação dos olhares e a constatação de que a questão dos efeitos está associada mais a uma problemática de complexidades do que das linearidades. (Fausto Neto, 2010, p. 60).

A circulação neste caso também ultrapassa o compartilhamento de informações e passa a abranger interações, como, por exemplo, na postagem do triplo homicídio que narra o seguinte fato: "Data: 03/10, hora: madrugada, fato: Dois (2) homens e uma (1) mulher foram mortos em Imbiruçu -Santo Antônio da Patrulha-RS. Uma quarta vítima, gravemente ferida, foi conduzida ao Hospital. Os autores ainda atearam fogo e deixaram a válvula do gás aberta. Identificação das vítimas: João Batista Santos da Silva, Renan Corrêa da Silva, Ana Cristina Motta dos Santos mortos no local. Cleiton Corrêa da Silva conduzido ao hospital. " Nesta postagem, os comentários circulam ao nível do conhecimento de todos, visto que além dos comentários emitindo opiniões "que horror", "alguém conhece?" Surge também as marcações com os nomes dos internautas que terão acesso à notícia ao visualizarem a notificação no Facebook.

3 Análise do empírico

A página Boletim Geral é vinculada ao veículo de comunicação "Líder do Vale", oriundo de Sapucaia, e está interligada ao programa de web rádio de mesmo nome, onde são relatados os acontecimentos com mais detalhes. Neste sentido, a *fanpage* acaba complementando visualmente as informações compartilhadas pelo veículo, captando audiência e maior interação em rede.

Nota-se na dinâmica de atuação da página uma tentativa de intervenção jornalística na construção de uma narrativa noticiosa, porém despida de critérios elaborados para a prática. Segundo o idealizador da página, o radialista Neiron Marx, as imagens, bem como as notícias, são encaminhadas

a eles pelos próprios agentes de segurança pública e afirma que o critério chocante é o que mais chama a atenção dos internautas.

Para analisar o material empírico (postagens e interações da página) definimos um período de duas semanas, do dia 23 setembro a 7 de outubro de 2016. Nesse espaço de tempo, ocorreram 7 postagens por parte da administração do perfil (em média, uma a cada dois dias). Ou seja, as postagens não são diárias. Às vezes temos alguns dias de intervalo entre uma e outra. E há dias que contam com mais de uma postagem.

3.1 "Imagens fortes"

Ao acessar a página Boletim Geral, fica-se de frente para fotografias de morte e violência que saltam aos olhos; antes de ler a descrição da página ou o texto das postagens, as imagens são o que prende a atenção, são o elemento principal do perfil. São fotos geralmente sem grande qualidade de resolução e com enquadramentos estranhos ao que vemos normalmente em jornais e portais de notícias. São fotos que poderiam ter sido tiradas por qualquer pessoa com um celular. Os enquadramentos, aliás, por vezes não oferecem uma boa noção do que retratam, cortando elementos, com planos fechados demais ou abertos demais nos temas, gerando alguma confusão visual.

A primeira postagem[4] da qual tratamos traz a ocorrência de um corpo encontrado em uma vala. A imagem mostra o corpo parcialmente coberto pela água e sujo de lodo. Outra postagem[5], de 3 de outubro, trata de um triplo homicídio. Uma das fotos enquadra uma parte das pernas e o tronco de uma vítima cuja camiseta está manchada de sangue. Uma segunda foto tem um plano mais geral do cômodo em que estão os corpos, sendo que há riscos negros adicionados sobre os rostos para preservar suas identidades.

4. https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1130353783717264&id=928237500595561&qsefr=1

5. https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1137181303034512&id=928237500595561



Figura 1: Corpo encontrado em vala
Fonte: Reprodução/Facebook[6]



Figura 2: Ocorrência de triplo homicídio
Fonte: Reprodução/Facebook[7]

6. Disponível em https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1129604147125561&id=9282375 00595561.
7. Disponível em https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1133376966748279&id=9282375 00595561

Duas postagens (23 e 28 de setembro) apresentam um tipo de ocorrência bastante popular e frequente na página: assalto frustrado dela polícia. Na primeira, uma pessoa foi morta e duas presas pela polícia após anunciarem um assalto, a partir da ação de um policial que estava entre os que sofriam o assalto. Na primeira foto, aparece um braço estendido na rua, com sangue que escorre a seu lado. Ao redor, vemos as pernas de polícias militares fardados e de botinas. Outras duas fotos mostram apenas um grupo de polícias parados na rua, junto de outras pessoas. Na outra ocorrência, informa-se a prisão de dois indivíduos que assaltaram um posto de combustíveis. Ambos aparecem no chão, algemados. Novamente, aparecem as botas e parte das pernas fardadas de policiais ao redor dos homens retidos. Outra foto mostra um saco transbordando de dinheiro que teria sido levado pelos suspeitos.



Figura 3: Assalto frustrado pela polícia
Fonte: Reprodução/Facebook[8]

A figura da polícia é realmente frequente nas imagens. Uma postagem sobre um latrocínio traz duas fotos. Em uma, policiais aparecem na porta do bar onde o fato ocorreu. Na outra, vemos a vítima morta a facadas no chão. Há manchas que se presume serem de sangue ao redor do corpo. Não se percebe ferimentos nos membros e no tronco. Não é possível ver com clareza a cabeça, em função da qualidade da imagem.

8. Disponível em https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1129261567159819&id=928237 500595561.

O público não só consome estas imagens, como também as compartilha e marca amigos para as verem, apesar de seu caráter agressivo aos olhos. Há interesse em ver e mostrar para os conhecidos também. A "nudez" das imagens confere um aspecto de veracidade, fatos "sem edição". O aspecto não convencional da qualidade das imagens também parece atrair por passar a impressão de ocorrência imediata, uma fotografia que foi tirada em primeira mão, diretamente de onde aconteceu e antes das câmeras de jornalistas.

3.2 Texto

A composição textual reveste as imagens construindo uma história, que independente do fato em si, atrai o leitor para que este "deguste" o acontecimento dentro de uma costura narrativa que se desenvolve tal qual uma trama cinematográfica. O texto trabalhado pelo idealizador da página aviva na mente do internauta um desejo de descobrir o desfecho definitivo, entretanto, esse desfecho pode ser vasculhado e redefinido pela lógica de quem se apropria do conteúdo e replica outras variações para os acontecimentos narrados.

Os títulos das postagens iniciam sempre em caixa alta e utilizam substantivos, verbos no pretérito e gerúndio como na postagem do dia 8 de setembro com o título "FABRICANDO BALINHAS" e na data 4 de setembro "HOMICÍDIO – SÃO LEOPOLDO". O corpo da notícia se constitui em forma de relato sucinto, salientando elementos da foto e não ofuscando a mesma. Fica claro que o público se interessa impreterivelmente pelas imagens, tanto que as postagens que possuem textos maiores, recebem menos comentários. Outra curiosidade envolve o tipo de linguagem utilizada, argumentos que abordam gírias chamam a atenção e fomentam comentários dos internautas mediante identificação com uma linguagem informal. Um exemplo disso é a postagem de 23 de setembro com o termo "ASSALTARAM E SE FERRARAM". O texto é muito semelhante a um boletim policial – informa local, o fato, mas numa descrição breve, geralmente em tom de "contar" uma história, com verbos no passado, o que é menos comum

em texto jornalístico, mas bastante usado na narrativa de rádio quando se realizam os boletins policiais

É notório que a disposição do texto em cada post varia com relação à quantidade de linhas, de maneira que o formato padrão abrange no mínimo cinco e máximo de dez linhas, para que não obstruam a percepção principal, no caso, a imagem. Todos os títulos são escritos em caixa alta, sustentando a atenção do leitor para uma exposição de simbolismos que vão desde a grafia até a imagem em diferentes tons.

3.3 Interações

Uma das primeiras constatações a destacar sobre as interações entre a página e o seu público é que os comentários nas postagens, com raras exceções, não têm cunho problematizador. Quer dizer, são incomuns os debates, discussões ou conflitos de ideias entre o público. Outro ponto é que o perfil não interage nos comentários das fotos; apenas faz intervenções muito pontuais para adicionar alguma informação que alguém solicita, como a identificação de uma vítima, por exemplo.

Assim, os comentários seguem um padrão de conformidade com as ocorrências que acabam “bem” e consternação com os fatos tristes. Cada um dá o seu apoio à polícia ou seu voto de indignação para com a insegurança, comungando com os demais que compartilham o espaço. Interessante notar que são reproduzidos certos discursos de maneira exaustiva: cada um replica bordões do senso comum ou encaixa suas noções de justiça e segurança sobre cada fotografia, como “bandido bom é bandido morto”.

Como exemplo, podemos citar que na postagem que traz as fotos do assalto frustrado, com morte do homem que anunciou o assalto por um policial, temos quatro comentários que trazem as palavras “menos um”. Outros comentários comemoram e parabenizam a ação policial. Essa postagem também teve 32 compartilhamentos. De modo geral, as interações, aqui, manifestam o sentimento de que justiça foi feita. E fica claro a narrativa de heroísmo do policial que reagiu ao assalto com sucesso.

Já na ocorrência do assalto ao posto de gasolina, que teve dois presos e dinheiro apreendido, há um elemento novo, que é a descrença em relação às instituições da justiça. Os policiais fizeram sua parte e são festejados, mas se teme que, como não foram mortos, os assaltantes logo estejam soltos. Um comentário diz: "A polícia fez a sua parte agora espero que a justiça os mantenha presos !". Outro é mais cético: " Um excelente trabalho da brigada militar... Pior e q amanha esses vava...GaGa...bunbun..dodos...já estão nas ruas cometendo mais crimes isso e um tapa na cara da sociedade...uma boa tarde a todos!!!". Alguns também lamentam e incluem a sentença "pena que não morreu".



Figura 4: Comentários sobre morte de homem pela polícia
Fonte: Reprodução/Facebook

Nas fotos que trazem vítimas fatais, que não sejam os "bandidos", há indignação com a insegurança e medo. Muitos evocam Deus e questionam "Para onde estamos indo?". Uma peculiaridade é que no caso do corpo encontrado em um valo em Esteio/RS, há muitas pessoas questionando pela identidade do corpo encontrado, alguns inclusive aventando a possibilidade de ser o corpo de um rapaz desaparecido em Sapucaia/RS. As dúvidas seguem até que o próprio sobrinho do homem encontrado intervém nos comentários e dá o nome do tio, evidenciando o vínculo social constituído pela página.

As pessoas afirmam não ter visto muitos detalhes do fato nas mídias convencionais. Portanto, aqui temos um caso em que o público se utiliza da página do Facebook em contato direto com personagens próximos do fato noticiado, sem nenhuma mediação jornalística. Esse gênero de postagem também tem bastante atração: apesar de chocante e desagradável ao olhar. Há um interesse em ver o que aconteceu, há interesse na vítima, mesmo que seja um desconhecido. Este caso do corpo achado no valo, por exemplo, passou dos cem comentários, teve 264 curtidas e 31 compartilhamentos.

Pode-se afirmar que o público que frequenta o perfil tem opiniões gerais semelhantes sobre os temas. A interpretação dos fatos postados começa pelo impacto visual das imagens, passa pelo texto que orienta e culmina nos comentários que vão reconstruindo o significado das fotografias a partir de certos imaginários. Nos termos de Adriano Rodrigues (1999), a experiência do ser humano é por ele interpretada por quadros de sentido construídos pela mediação, os quais, para serem efetivos, ele não pode perceber. O quadro é uma "fronteira" para experiência, abarcando algumas coisas, deixando outras de fora. Aqui temos, especificamente, os comentários, após imagens e texto verbal do perfil, que constroem um quadro para dar sentido ao que é retratado nas imagens. E também sobre o que vai além de seu enquadramento: as noções de segurança e justiça.

3.4 Análise transversal

Se, em um primeiro momento, o que parece definir a página são as imagens chocantes, a análise dos três tópicos acima aponta para uma complexa construção de sentidos na qual a polícia (em uma acepção ampla) é a chave para compreendermos as razões de ser do Boletim Geral. Essa instituição, que não é midiática por ofício, envia as fotos, em primeiro lugar. Depois, sua linguagem está presente no texto verbal, com gírias e até piadas – para falar de um assalto frustrado, por exemplo. O mesmo ocorre nas interações de comentários e compartilhamentos. Nessa parte não aparecem discursos próprias da polícia como instituição, mas de

outros atores que se apropriam de certas lógicas e noções sobre segurança pública.

A crueza das fotografias, aliada à limitada quantidade de texto nas postagens confere um caráter de imediatismo e realidade sem intervenção à página. O que é postado se apresenta como algo factual e concreto para o público, de uma forma bem mais intensa do que o jornalismo tradicional.

A construção do imaginário social a partir das fotos se constitui em uma via de mão dupla. Por um lado, a crueza do conteúdo permite que as interações construam significações não contidas (ao menos de forma explicita) nas publicações. Um exemplo é o desejo e a comemoração do que poderíamos chamar de justiça sumária – quando há morte de criminosos nas ocorrências. O outro lado da moeda é que as postagens já deixam um caminho de interpretação trilhada. Isso se manifesta nas fotografias, feitas do ponto de vista do agente de segurança pública, no respectivo texto escrito com linguajar policial e no público em geral, cujas interações, de certa forma, desencorajam a participação, nos comentários, de opiniões divergentes.

4 Considerações finais

Recapitulando as perguntas iniciais deste artigo, pode-se afirmar de pronto que a construção social que prevalece nas relações do perfil Boletim Geral e seu público é a de uma sensação de insegurança e falta da promoção da justiça por parte das instituições do Estado. Porém – e este aspecto é ainda mais marcante -, esse sentimento negativo é contrabalanceado pela esperança e glorificação da polícia personificada nos agentes que atendem as ocorrências no dia a dia. Isso em uma perspectiva bastante maniqueísta, expressa no bordão “bandido bom é bandido morto”.

Retomando o conceito de fagia, de Ana Paula da Rosa, temos a atração gerada pelas imagens de violência veiculadas pela página, que alimentam um imaginário já existente e o desenvolvem. Isso não é diferente de outras tantas manifestações do desejo humano para este tipo de estética

ao longo das eras, seja no cinema, na literatura, no folclore, música e no próprio jornalismo. Fica aberta, ainda assim, a reflexão acerca do impacto disso nesse caso específico, no qual há uma carência de aprofundamento jornalístico para uma compreensão mais multifacetada dos fatos – carência manifestada, por exemplo, com os textos muito rasos que acompanham as fotos.

O fenômeno comunicacional analisado na página Boletim Geral, traz à tona interligações relevantes com os processos de circulação e midiatização. É um estudo constante, visto que as lógicas de interação se reinventam, podendo adquirir diferentes significados. Os sujeitos sociais trocam constantemente de papel (emissor-receptor) e reformulam seus diálogos conforme a necessidade. A observação dos fatos mediante a presença constante da imagem traz à tona opiniões, expectativas e críticas conforme a cultura, regionalidade e diferentes interações sociais tanto dos internautas com a postagem, quanto com eles mesmos nos grupos de discussão que se formam acerca de um fato exposto pela página. O produto desta equação nada mais é do que a repercussão (das imagens, do texto e dos próprios comentários).

O discurso da polícia, instituição não-midiática, não se deixa apenas perceber na forma de acesso às imagens ou no tratamento dado aos textos, mas efetivamente na presença testemunhal diante do fato. As marcas dessa presença se evidenciam nas próprias imagens. Assim, estabelece-se a presença desse ator social na mídia, havendo a construção de uma imagem bastante positiva. A polícia, ganha, inclusive, status de protagonista nas ocorrências, deixando de ser mera fonte dos acontecimentos. Encontra um público bastante receptivo ao seu discurso, sem necessitar de uma mediação direta de sua assessoria de imprensa ou de um veículo jornalístico tradicional.

Revela-se aí uma face importante ligada à midiatização, a própria polícia se apropria de conhecimentos midiáticos para ter acesso a esse espaço, encontrando na página um local propício para que seu discurso, geralmente remodelado pelo jornalismo, possa se evidenciar com menor

filtragem. Além disso, as fotos-choque, que colidem com o fazer jornalístico tradicional que prima por evitar o constrangimento do público, são a essência do Boletim Geral. O choque é sua razão, seu objetivo. É como se a página traduzisse a crueza da realidade, esta não bem representada pelos meios tradicionais. Os atores sociais que acessam a página e encontram nela uma identificação, se sentem participantes, interferem nas produções a partir do momento em que podem trazer mais dados sobre um crime, complementar as informações já postadas e até mesmo enviar imagens feitas. Essa capacidade de acolhida do dispositivo, o transforma em um espaço de valorização social e coletiva dessas imagens, legitimando-as, papel esse classicamente atribuído ao jornalismo. Estaríamos, então, ante um movimento novo, onde as fagias imagéticas definem a circulação da violência urbana com base em lógicas, fruto das instituições midiáticas, mas que são integradas pela prática policial e pelos atores sociais, em certa hibridização de campos.

Referências

FAUSTO NETO, A. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: Das fotos furtadas à fita leitora. *In*: *Dossier de Estudios Semióticos, La Trama de la Comunicación*, **Vol 12**, UNR Editora, Rosario, 2007.

_____. As bordas da circulação... *In*: *Revista Alceu*. PPGCOM/ PUC- -RJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./ jun., 2010.

FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

RODRIGUES, A. D. *Experiência, modernidade e campo dos media*. 1999. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/ rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf. Acesso em 15 out. 2016.

ROSA, A. P. Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística do caso Michael Jackson. *In*: *Revista E-Compos*. **Vol 17**. Nº 2, 2014.

_____. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. *In*: *Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red*. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.